

Ex-secretário de Estado da Educação, Valter Lemos, acusa

Governo quer o suicídio dos politécnicos

Valter Lemos, ex-secretário de Estado da Educação, acusa o atual governo de querer levar os politécnicos ao suicídio. Em declarações ao Reconquista diz que a intenção do Ministério da Educação é aniquilar o ensino superior politécnico.

O ex-secretário de Estado da Educação, Valter Lemos, acusa o Governo de estar a aniquilar o subsistema do ensino superior politécnico e de aconselhar os politécnicos ao suicídio. Algo que está a ser feito através de uma grande mentira: “ao mesmo tempo que se tem a retórica que se deve manter o sistema binário de ensino superior (politécnico e universitário), está em curso uma estratégia de fazer desaparecer os institutos politécnicos”.

No entender de Valter Lemos essa estratégia tem duas vertentes. “A primeira é a substituição da oferta formativa graduada e qualificada, por oferta desqualificada e desgraduada, com os cursos de ensino superior de curta duração, sem grau académico e sem nível de qualificação. Cursos que repetem os atuais cursos de especialização tecnológica (CET’s), mas para pior”.

Valter Lemos explica que “os CET’s ainda estão no sistema nacional de qualificação, ou seja têm o nível 5. O que é proposto nem isso tem. Então, como o Governo tenciona manter os dois, os alunos que concluírem o CET obtêm uma qualificação, os que concluírem os cursos superiores de curta duração não têm nada”.

O antigo secretário de Estado da Educação e também da Segurança Social, não tem dúvidas de que “esta é uma estratégia para destruir os politécnicos. Como é óbvio, nenhum pai em perfeito juízo e que tenha alguma consideração pelo seu filho o vai meter num curso superior de curta duração”. Valter Lemos sublinha que esses cursos “não dão para coisa nenhuma. Apenas servem



Valter Lemos acusa o Governo de querer levar os Politécnicos ao suicídio

para enganar as instituições e algumas famílias – ainda que poucas, pois os pais gostam dos filhos”.

Deste modo, diz o antigo presidente do Instituto Politécnico de Castelo Branco, “o único propósito é levar a que os institutos deixem de fazer o trabalho que têm vindo a desenvolver para, pretensamente, irem realizar cursos sem qualquer tipo de validade, o que faz com que eles deixem de ter alunos e por conseguinte venham a ser extintos ou fundidos noutras instituições”. Valter Lemos adianta que esta vertente não é nova: “neste Governo e é assente no embuste e na mentira”.

Extinguir as instituições

A segunda vertente criticada por Valter Lemos diz respeito à reorganização da rede de ensino superior. “O Governo nunca explicou se está a falar da rede de oferta formativa ou da rede de instituições. Tão depressa diz uma coisa como depois diz outra. E o objetivo é extinguir instituições”.

O ex-secretário de Estado da Educação acrescenta que “era importante esclarecer se a reorganização é formativa ou institucional. Mas o que está em cima da mesa é que com a desculpa de que o objetivo é formativo (dizendo que há cursos a mais e repetição de cursos), levam as pessoas a concordar de que os cursos não tendo alunos não devem funcionar. Ora se a questão é formativa é ao nível dos cursos e da oferta formativa que se deve intervir: Se o ministro da Educação tivesse o mínimo de coragem, chegava à altura dos «numerus clausus» e dizia este curso funciona e aquele não”.

Valter Lemos acusa ainda o atual Secretário de Estado do Ensino Superior de estar a dar “instruções aos reitores de universidades e aos presidentes de politécnicos, algo que não acontecia num quadro legal”. E acrescenta: “isto é muito estranho, pois por um lado o ministério não tem coragem para implementar o poder que tem em decidir nos «numerus clausus» e de financiamento. Mas por outro vai muito além daquilo que

as suas competências dando instruções diretas aos reitores e aos presidentes dos politécnicos sobre aquilo que devem fazer, numa estratégia que visa a extinção de institutos politécnicos através da sua integração em universidades”.

O ex-secretário de Estado da Educação endurece as críticas, afirmando que esta estratégia é “duplamente contraditória. Por um lado vem com o discurso que defende o sistema binário, mas depois vem-nos dizer que isso se faz integrando os politécnicos nas universidades”. Valter Lemos adianta que o “Governo tem todo o direito de dizer que quer acabar com o sistema binário e aí terá que fazer uma alteração da legislação. É uma opção política. Mas tem que haver a condição prévia de afirmar (o Governo) que não quer o sistema binário”.

Abraço do urso

Valter Lemos considera que a “pretensa integração

de politécnicos em universidades é o abraço do urso”, criticando o governo por não tomar decisões, mas por dizer aos “presidentes e aos reitores para se entenderem. Isto é o grau zero da política. Não há nenhuma ideia sobre aquilo que se pretende em termos de organização do sistema. A única ideia que existe é a de acabar com os politécnicos, com a cobardia política de não ser capaz de o dizer. Enganar as pessoas e as instituições não é correto, explorando a fraqueza e a degradação que o Governo colocou nas instituições, através por exemplo dos cortes orçamentais, proibições de contratações e até de ter receitas próprias”.

Para Valter Lemos, estamos a assistir a “um sobresalto nacional nos politécnicos”. O antigo governante fala num “assassinato histórico”, caso isso ocorra. “Em relação ao interior do país, só uma perfeita ignorância é que pode levar a que não se compreenda que a rede de ensino superior no interior do país tem missões que vão para além das missões

da rede de ensino superior clássica. O próprio antigo ministro, Pedro Lynce, que até é do partido do Governo (PSD), veio alertar para o papel especial que os politécnicos do interior do país, o qual é mais abrangente em termos de intervenção, do que acontece no litoral, onde eventuais fusões podem não causar problemas em termos de desenvolvimento regional”.

O contexto atual e as dificuldades que o país atravessa não são desvalorizados por Valter Lemos. “Eu fui governante e percebo o problema em que o Governo está colocado, no que respeita às questões da gestão de recursos. Aliás, fui dos primeiros governantes a tomar decisões de rede, mas assumi-as politicamente, não andei a enganar ninguém. Infelizmente, a política deste Governo tem sido atacar os mais fracos, que são os que fazem menos barulho. Mas o facto de serem mais pequenas, não significa que não tenham mais significado. A dimensão da instituição não pode ser vista como uma relação direta com a sua importância”.

Valter Lemos diz mesmo que se “levássemos esta lógica da racionalização de custos” do Governo “até ao fim, ficaríamos apenas com as quatro universidades que tínhamos antes do 25 de abril”.

Apesar das críticas, aquele responsável, até compreende que “o Governo tem o direito de não concordar que os politécnicos não tiveram importância no desenvolvimento das regiões e que as universidades que foram criadas não servem para nada. Mas deve assumi-lo, para que todos saibamos quais são as suas posições. O que acontece é que o Governo tem vergonha de o fazer, mas na prática quer consumá-las. Os politécnicos têm posição muito importante e a destruição dessa rede é um crime político porque alguém terá que pagar”.

Valter Lemos refere ainda que é falacioso o argumento de que os cursos têm poucos alunos. “O problema da oferta e da procura está a ser gerido para que isso aconteça, e os instrumentos de intervenção do Governo na regulação da oferta e da procura não são utilizados precisamente para deixar degradar os resultados”.

João Carrega